diacrítica
Revista do Centro de Estudos Humanísticos
Vol. 40, n.º 1, 2026, pp. 349–353. doi: 10.21814/diacritica.6951

Recensão da obra

Marques, M. A., Ramos, R., Duarte, I. M., Roboredo Seara, I., Pinto, A. G., & Pinto, R. (2024). *Vozes que moldam Abril: os discursos presidenciais na celebração da Revolução*. UMinho Editora. https://doi.org/10.21814/uminho.ed.153

Sofia Meneses-Silva[1]
0000-0001-7519-6966

[1] CLUP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Autor correspondente: asmsilva@letras.up.pt

Vozes que moldam Abril: Os discursos presidenciais na celebração da Revolução, publicado em 2024, chega-nos mesmo a tempo do ano em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril. Assim, o primeiro objetivo dos autores foi cumprido: assinalar e celebrar esta data que marca o nascimento da democracia portuguesa.

Com 222 páginas, a obra em apreço, lançada em formato e-book em acesso livre, presenteia-nos com a análise de um *corpus* de 46 discursos proferidos no âmbito das comemorações anuais da Revolução e, essencialmente, na Assembleia da República Portuguesa, pelos cinco Presidentes da República eleitos entre 1977–2023, a saber: António Ramalho Eanes, Mário Soares, Jorge Sampaio, Aníbal Cavaco Silva e Marcelo Rebelo de Sousa. São figuras que dão voz ao Estado português, são vozes institucionais mediadas pelo cargo de Presidente da República e que reinterpretam e renovam o valor simbólico da Revolução anualmente. Parece legítimo afirmar que a escolha do título do livro, nomeadamente, a metáfora que lá figura, foi bastante adequada.

Os autores são seis nomes incontornáveis da Análise do Discurso (AD) em Portugal, como é o caso de Maria Aldina Marques, Isabel Margarida Duarte, Isabel Reboredo Seara, Rui Ramos, Rosalice Pinto e Alexandra Guedes Pinto, e reúnem-se aqui para encerrar um projeto que remonta há dezenas de anos.

A génese e a divisão do livro são apresentadas ao leitor num Preâmbulo com cerca de cinco páginas, onde também é descrito o *corpus* e fundamentada a abordagem adotada. O *corpus*, o PRAbril é parte de um outro de maiores dimensões intitulado DisPR, a que se deve fazer referência aqui, pois também ele foi recentemente disponibilizado online, em acesso aberto, na Linguateca, o que permitirá alargar a pesquisa a outros investigadores.

Após esta curta secção, o livro divide-se em sete capítulos (entre os quais quatro inéditos e três éditos) com a estrutura prototípica de artigo científico. Note-se que todos os capítulos, sem exceção, abrem com uma epígrafe que nunca é desligada do texto que

lhe sucede. É ainda de referir que três dos trabalhos incluem a (co-)autoria de Maria Aldina Marques, da Universidade do Minho, autora que mais se repete no índice, o que não parece por acaso mas, porque é quem mais publicações de qualidade tem quando se pensa em análise do discurso político em Portugal.

A obra arranca, assim, com a autora dominante em coautoria com Isabel Margarida Duarte, do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), que formam dupla de longa data. No Capítulo 1, exploram os diferentes enunciados negativos, precisamente, estruturas do tipo *X não é Y*, e concluem que estas não se limitam simplesmente a refutar pontos de vista, mas extravasam esse valor prototípico. Os presidentes, mais do que relembrar o passado e, concretamente, o sentido simbólico do 25 de Abril, servem-se da negação para o reprimir, reformular e renovar. Este sentido é reinterpretado sucessivamente, fazendo com que a memória coletiva da Revolução e os valores democráticos que transporta sejam preservados. A análise não se fica pelo levantamento de valores negativos, pois as autoras identificam, nos enunciados, a coocorrência de diversas estratégias linguístico-discursivas, como é o caso da polifonia, modalização, *ethos* presidencial e até marcadores discursivos, que tornam o discurso argumentativamente mais forte.

O Capítulo 2 é de Isabel Reboredo Seara e fica bastante claro que a sua investigação e, acima de tudo, capacidade de escrita é de excelente qualidade, o que já tinha demonstrado num artigo publicado no livro *Linguagens de Poder* (Seara, 2019), também envolvendo conceitos de Retórica. A anáfora retórica e aforização são os dois mecanismos formais que explora e, mais do que figuras de estilo, contribuem para a consolidação da memória da Revolução. A repetição sistemática de expressões e perguntas retóricas no discurso de Marcelo Rebelo de Sousa (MRS), sobre quem se debruça especificamente, cria um "ritmo discursivo" que, além de um efeito sonoro e progressivo, produz um efeito emocional. É, porém, no processo de aforização, concretamente, na formulação de frases breves, mas concisas e pragmáticas, onde sobressaem conselhos, exortações, enunciados modalizados deonticamente, combinando-se, numa espécie de apelo, sobretudo à responsabilidade cívica e coletiva pela manutenção dos ideais de Abril. Além de um *ethos* de autoridade, indissociável da voz presidencial, o que não passa despercebido é o perfil de pedagogo de MRS (o *ethos* didático). Retomo o que concluíam Marques e Duarte, no Capítulo 1: "os presidentes dão uma coloração didática aos seus discursos". Celebrar Abril significa revisitar um passado português duro, infeliz, marcado por dificuldades sociais, económicas e políticas, compreendendo-o sem o julgar, mas, simultaneamente, sem o glorificar. É uma oportunidade pedagógica, uma lição, para as gerações futuras, que são a certa altura, os destinatários do Presidente, e a quem é dada a missão de preservar as conquistas da Revolução. É interessante ainda compreender que é um Presidente que equilibra a componente protocolar que este género exige com as idiossincrasias pelas quais é tipicamente conhecido, que justificam o seu apelido: "o Presidente dos Afetos".

O Capítulo 3, é de Rui Ramos, da Universidade do Minho, e são analisados os discursos de Mário Soares, figura incontornável da democracia portuguesa. Naturalmente, os restantes também são, mas foi, e o texto demonstra isso, o presidente mais fortemente marcado pela sua capacidade de consolidação da democracia e

integração europeia, pelo papel fundamental na adesão de Portugal à Comunidade Europeia entre 1977–1986. A análise linguística é enriquecida pela contextualização política, o que é um ponto forte. A imagem que Mário Soares projeta no seu discurso, o seu *ethos*, é descrito de forma otimista no modo como articula a tríade passado, presente e futuro. O passado, embora infeliz, é apontado como uma aprendizagem; o presente, uma responsabilidade que exige vigilância, em especial, pelos jovens, e o futuro, próspero, uma janela para o progresso. Das características levantadas, é de destacar uma que ainda nenhum outro autor se tinha ocupado de referir: as marcas prototípicas da oralidade presentes neste género. Falo, por exemplo, das frases longas, mas coesas, das estruturas paralelísticas e repetições, conferindo ao discurso um ritmo de elocução próprio do oral. Apesar de partir do registo escrito, é um texto redigido considerando o modo como será veiculado.

No Capítulo 4, surge Maria Aldina Marques, com um artigo já publicado noutras circunstâncias (Marques, 2017), mas agora mais alargado. Como se prevê no título, trata-se de um texto que incide sobre três dimensões discursivas fundamentais: vagueza, força argumentativa e dêixis pessoal. É um capítulo mais curto, mas que condensa, não exaustivamente, exemplos dos três fenómenos acompanhados de explicações que, por sua vez, são sustentadas em referências de qualidade, no âmbito da linha francesa de AD: Maingueneau, Charaudeau, Amossy e Rabatel. Introduz-se uma amostra da análise quantitativa que foi realizada, algo que ainda não tinha sido feito. Por exemplo, a partir da tabela II, da p. 112, ainda que se trate de uma simples quantificação de ocorrências, poder-se-ão retirar conclusões interessantes, nomeadamente, sobre a preferência pela 2.ª pessoa do plural como forma de tratamento pela maioria dos presidentes, à exceção de Jorge Sampaio, que prefere a 1.ª pessoa do singular. Teria sido interessante desenvolver mais esta discrepância e também incluir os discursos de MRS, cuja exclusão é algo que apenas está justificado na p. 110, pois a autora explica que a recolha do *corpus* foi até 2011. Não se trata de uma limitação do estudo em si, mas muito provavelmente foi resultado de uma limitação de espaço e tempo para desenvolver a investigação, já que a autora faz questão de admitir, na conclusão, que a análise não se esgota por aqui.

Vai-se discutindo em todos os capítulos o conceito de *ethos*; contudo é Rosalice Pinto, da Universidade Nova de Lisboa, quem o explora exaustivamente, no Capítulo 5. Esta opção não surpreende, uma vez que tem vindo desde sempre a realizar investigação relevante no âmbito da retórica aristotélica (Pinto, 2004; Pinto & Pita, 2017). Parece-me um dos capítulos mais importantes para entender a dimensão afetiva do livro, principalmente, no que concerne a dimensão identitária da nação portuguesa. Fica claro que os presidentes não falam apenas sobre o país, mas falam também em nome do país, recorrendo à construção de vários *ethè*. Destaca-se a explicação robusta que a autora realiza entre as pp. 134–138 sobre os diferentes tipos de argumentos nos discursos de Ramalho Eanes. A argumentação é um tema bastante complexo em AD, mas que a autora demonstra claramente dominar.

O Capítulo 6, de Alexandra Guedes Pinto, do CLUP, é o mais extenso do livro. Folheando as 40 páginas que perfazem o texto, facilmente se percebe que é também o mais ambicioso. A autora, muitíssimo experiente em AD, começa, ancorando-se na tipologia das sequências textuais proposta por Jean-Michel Adam, delimitando as várias

características do género em questão, passando em revista pelo menos seis das oito componentes deste quadro analítico. Posteriormente, realiza uma análise minuciosa dos discursos de Ramalho Eanes e de MRS sendo diversos os recursos linguístico-discursivos que analisa: atos ilocutórios, estratégias de modalização, movimentos contrastivos, concessivos / contra-argumentativos e aspetos de heterogeneidade enunciativa. O domínio aprofundado de conceitos da Linguística pela autora é inegável. Porém, não se limita a explaná-los e a aplicá-los: articula-os criticamente com o presente histórico e político em que os discursos são produzidos.

Antes de terminar, surge mais uma vez Maria Aldina Marques, no Capítulo 7, fechando a obra com "chave d'ouro". É um outro capítulo édito (Marques, 2014), mas que merece lugar neste compêndio de estudos sobre o discurso presidencial. É bastante mais curto, com 16 páginas, o que revela uma excelente característica da escrita da autora, isto é, a de conseguir condensar a teoria, mantendo sempre o essencial, em parágrafos breves, sem sobrecarregar o texto com frases densas e encadeadas e citações longas. Fá-lo de forma natural e fluída, sem descurar o rigor científico. No início, é incluída uma visão quantitativa dos discursos, o que considero relevante quando estamos perante a análise de um *corpus* de grandes dimensões. Aparece, pela primeira vez em corpo de texto, a formatação em negrito (pp. 203, 213), precisamente, para destacar uma preposição e essa preposição contraída com artigo definido nas expressões: "estatuto **de** presidente" e "estatuto **do** presidente". A discussão é sobre a dupla autoridade da imagem discursiva do Presidente, ou seja, um *ethos* presidencial que se desdobra, respetivamente, num *ethos* institucional, onde sobressai a autoridade institucional concedida pela Constituição, uma voz representante de todos os portugueses, e, por outro lado, um *ethos* discursivo, uma voz individual, idiossincrática que agrega o passado pessoal e a história democrática de cada locutor. É uma distinção subtil, mas relevante.

Encerrar a obra com este capítulo reflete adequadamente o que demonstram todos os autores: estamos perante locutores distintos e, por isso, vozes também elas distintas. Ainda que a voz presidencial seja assumidamente de autoridade, cada processo discursivo carrega consigo valores, vivências e posições políticas distintas (ainda que pouco dispersas, não são as mesmas), o que marca um posicionamento enunciativo. Acresce ainda, o momento enunciativo, e nomeadamente, histórico, que se vive no país a cada comemoração.

De forma geral, é de destacar a organização do livro, consistente, nomeadamente, a forma como estão numerados em todos os artigos os exemplos do *corpus*, facilitando a leitura e a navegação pelo livro. No final, são ainda incluídas "bionotas" dos autores, onde é possível atestar a sua formação de qualidade nos vários percursos das Ciências da Linguagem. O livro pode ter um público-alvo mais amplo, além de linguistas e investigadores em Ciências da Linguagem. Convém, porém, considerar que a existência de terminologia especializada poderá afastar leitores não familiarizados com a Linguística, uma vez que é abordagem privilegiada pelos autores. Recomenda-se, todavia, a outros públicos, como investigadores em História, Ciência Política ou eventuais interessados na história da democracia portuguesa.

Referências

Marques, M. A. (2014). Palavra de Presidente: construção da autoridade presidencial nos discursos de Abril. *Forma Breve*, *11*, 297–311. https://doi.org/10.34624/fb.v0i11.5416

Marques, M. A. (2017). Approximation, force argumentative et deixis personnelle dans les discours politiques de commémoration. In M. H. A. Carreira & A. Teletin (Eds.), *La déixis et son expression dans les langues romanes* (pp. 67–80).

Pinto, R. (2004). A heterogeneidade constitutiva e o ethos no editorial português. *Calidoscópio*, *2*(2), 25–32.

Pinto, R., & Pita, S. (2017). Ethos na prática política: uma análise comparativa em contextos luso-brasileiros. *Revista Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD*, *10*(25), 271–279.

Seara, I. R. (2019). "O presidente é o fusível de segurança do sistema". Discurso de comemoração de mandato presidencial e diálogo subsequente. Construção do ethos de proximidade e de autoridade. In M. A. Marques & S. Sousa (Eds.), *Linguagens de poder* (pp. 97–117). Húmus.